

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de S. Paulo Class.: Jari 104  
 Data: 29/08/92 Pg.: 3-4

### MORTES

# Ludwig, bilionário do projeto Jari, morre em NY

Das agências internacionais

O bilionário norte-americano Daniel Keith Ludwig, proprietário até 1982 do projeto Jari, no Pará, morreu quinta-feira à noite em Nova York. Tinha 95 anos. Na década de 70, chegou a ser considerado o homem mais rico do mundo, com uma fortuna estimada em US\$ 5 bilhões.

Ludwig tinha negócios nas áreas de navegação, mineração, refino de petróleo, finanças, imóveis e agricultura. A causa de sua morte não foi revelada. "Ele estava com a saúde abalada", disse Kathy Meaghan, secretária de Ludwig.

A revista "Forbes" estima a fortuna do empresário hoje em US\$ 1,2 bilhão. O "empobrecimento" de Ludwig costuma ser atribuído à sua aventura no Brasil. Quando vendeu o projeto Jari a um consórcio de 23 empresas brasileira em 1982, o "The New York Times" escreveu que "talvez tenha sido o maior e mais custoso esforço empresarial já-mais feito por um homem".

O "épico" de Ludwig no Brasil, como classificou ontem a agência de notícias "Reuter", incluiu o reboque pelo mar de uma fábrica de celulose do Japão para o Pará. Com o objetivo de produzir madeira e celulose, o projeto Jari de Ludwig estava "queimando" cerca de US\$ 100 milhões ao ano, na época de sua venda. O projeto também era criticado por destruir grandes áreas de floresta.

Ludwig nasceu em South Haven, Michigan (centro-norte dos EUA), no dia 24 de junho de 1897. Era filho de um agente imobiliário. Abandonou a escola após oito anos de estudo.

Com 19 anos, e US\$ 5.000



O bilionário norte-americano Daniel Keith Ludwig em 85

obtidos por empréstimo com a ajuda do pai, comprou um barco a vapor e o transformou em barcaça para transporte de melaço na região dos Grandes Lagos, no norte dos EUA. Quarenta anos depois, era proprietário de uma frota de mais de 50 navios, entre os quais alguns superpetroleiros.

Ele construiu tanques para o governo norte-americano, durante a 2ª Guerra Mundial. Ludwig recuperaria os tanques, gratuitamente, ao fim da guerra.

Ludwig era chamado de "bilionário invisível" pela sua fobia em aparecer em público. A agência "Reuter" afirma que o empresário chegou a manter relações públicas contratados para manter seu nome longe da imprensa.

No início dos anos 70, Ludwig doou seu patrimônio no estrangeiro para o Instituto do Câncer na Suíça. Ele viria a controlar o instituto anos depois como uma empresa privada.

Apesar dos problemas de saúde dos últimos anos, Ludwig ainda trabalhava e costumava viajar em aviões comerciais. Segundo sua secretária, Ludwig era casado e tinha uma filha, de seu primeiro casamento.

A revista "Fortune" certa vez atribuiu a Ludwig, um "workaholic" assumido, a seguinte frase, dita a um empregado: "Trabalhar num negócio é melhor do que ter um orgasmo".



### AVERSÃO A FOTOS

Avesso a fotografias, Daniel Ludwig não escapou de uma, durante o regime militar brasileiro, ao lado do então presidente Ernesto Geisel, em visita ao país, em março de 79.

Ludwig veio discutir com o governo questões relativas ao Jari, um megaprojeto no norte do Pará para produção de celulose e alimentos, mal visto por setores nacionalistas brasileiros.

## 'Teve alguns gestos ousados e geniais'

ROBERTO CAMPOS  
Especial para a Folha

Eu conheci Daniel Ludwig através de recomendação de George Woods, então presidente do Banco Mundial. Ele o descreveu como um empresário dinâmico e aparentemente sonhador, cujos sonhos se traduziam em realizações concretas. Teve alguns gestos ousados e geniais.

Logo depois da 2ª Guerra Mundial, ele alugou do governo japonês, com opção de compra, o estaleiro de Kure, que ficara ocioso no final da guerra. Passou a construir supertanques e foi o criador do conceito dos navios para transporte de minério de ferro e petróleo.

Ministro do governo Castelo Branco, fui procurado por ele devido a idéia de tornar industrializável a floresta amazônica, trocando florestas nativas por florestas homogêneas. Ludwig acreditava que o desenvolvimento do 3º Mundo inevitavelmente traria o processo de alfabetização, aumentando o consumo de papel. Como o ciclo de vida das coníferas de terras temperadas era lento, fazia sentido procurar rápido aumento de oferta de celulose e papel viabilizando esta industrialização das florestas dos trópicos.

Por isso o investimento no Brasil lhe pareceu atraente. Para nós, por outro lado, numa Amazônia estagnada, seria interessante a criação de um grande pólo industrial dirigido para a geração de divisas de exportação.

Ludwig lançou-se num ousado programa de investimento, caro e desafiante pela completa falta de infraestrutura. Implantou não só

uma fábrica, mas uma infra-estrutura urbana em plena selva.

Teve desapontamentos. Um deles, o excessivo protecionismo brasileiro que lhe tirava a liberdade na importação de equipamentos. Isso tudo agravado por controles burocráticos que ele, como empresário, tinha dificuldade de compreender. Os burocratas, dizia ele, não arriscam seu dinheiro e querem que eu lhes apresente projetos que não terão competência para compreender.

Foi um grande realizador e investiu cerca de US\$ 800 milhões na Amazônia. Não se limitou ao projeto de celulose, fez vastas pesquisas científicas sobre o cultivo do arroz e dendê. Foi um "ministro da agricultura privada".

Suas dificuldades começaram com o conflito de Biafra que dificultou e encareceu a importação, da Nigéria, de mudas e sementes da meligna — espécie vegetal de rápido crescimento. Entretanto, as condições de solo da Amazônia eram menos favoráveis que na África ocidental. As plantações tiveram que ser suplementadas com outras espécies.

Ele conseguiu um feito singular, construindo uma fábrica de papel sobre cascos de navios de modo que essa instalação — que seria impossível de montar peça a peça na Amazônia — navegou do Japão até o rio Jari.

Ludwig se aborreceu quer com a burocracia brasileira, que encarecia os produtos, quer com as dificuldades de ver confirmado o registro das terras do Jari. Acrescenta-se a isso a dificuldade de obter concessão de um aproveitamento hidroelétrico privado.

Tudo acabou desinteressando-o do projeto e absorvendo um enorme prejuízo, apenas atenuado pela exploração rentável de uma mina de caulim.

Merece respeito como desbravador frequentemente amolado pelos nacionalistas que questionavam a validade dos projetos e dos desígnios de industrialização da Amazônia.

Suas atividades foram diversificadas. Foi um dos grandes armadores do mundo, particularmente no setor de tanques de petróleo.

Na última vez que o vi, estava interessado em começar um grande projeto na China comunista para construção de uma ferrovia e porto para exportação de carvão. Foi um gênio financeiro que não soubemos aproveitar. Era o que se poderia chamar de um monge bilionário. Hábitos extremamente austeros, úlcera no estômago, alimentava-se pouco.

Quando o convidei para um jantar em meu apartamento no Rio de Janeiro, em companhia do presidente Castelo Branco, pediu um estranho coquetel: leite com vodca. Vodca para mim, dizia ele, o leite para a minha úlcera.

Riquíssimo, viajava em classe turística e em aviões comerciais dispensando os jatos a que fazem jus os homens de grande fortunas. Seu divertimento era o trabalho, gostava de ganhar dinheiro, nunca na especulação e sim na realização de projetos ousados. Ludwig recebeu no Brasil muitos insultos e pouca homenagem. Bem que mereceria uma estátua no Jari.

ROBERTO CAMPOS, 72, economista, diplomata, é deputado federal (PDS-RJ). Foi ministro do Planejamento do governo Castelo Branco (1964-67).